

COMPOSIÇÃO DA INTRIGA NA NARRATIVIZAÇÃO DE ACONTECIMENTOS VIOLENTOS

EMPLOTMENT IN THE NARRATIVIZATION OF VIOLENT EVENTS

Sergio do Espirito Santo Ferreira Junior* Nathan Nguangu Kabuenge** Alda Cristina Costa***¹

RESUMO:

A composição da intriga emerge no projeto hermenêutico de Paul Ricoeur como momento do processo da *mimesis*, que instaura uma configuração narrativa de um mundo prefigurado rumo a uma refiguração do mundo, articulando uma síntese do heterogêneo que agencia acontecimentos e os associa a ações, causas e intenções. Neste trabalho, analisamos a composição da intriga em narrativas jornalísticas sobre violência urbana partindo da tríplice *mimesis* em Paul Ricoeur, a fim de compreender os elementos e as estratégias alinhavados pela intriga da narrativização jornalística. Lemos matérias sobre mortes violentas publicadas nas seções policiais dos jornais paraenses *Diário do Pará* e *O Liberal*, nos dias 23 de janeiro, 15 de março e 2 de maio de 2017. Para tanto, recorreremos ao projeto ricoeuriano de uma hermenêutica do texto e da narrativa. A leitura dos jornais nos permite compreender uma armação da intriga que alinhava as narrativas como únicas, mas episódicas, assinalando um percurso eventivo da violência que permite que ela seja explicada e compreendida narrativamente.

PALAVRAS-CHAVE:

Narrativização, intriga, violência.

ABSTRACT:

As part of Paul Ricoeur's hermeneutical project, emplotment is a moment of its threefold mimesis that establishes a narrative configuration of a prefigured world towards the refiguration of a world, articulating a synthesis of the heterogeneous that organizes

1 * Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: esferreira.sergio@gmail.com

** Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará. E-mail: nathannguangu@yahoo.fr

***Doutora em Ciências Sociais. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará. E-mail: aldacristinacosta@gmail.com

events and associates them with actions, causes and intentions. We analyze emplotment in news media narratives on urban violence, going through Ricoeur's threefold mimesis in order to understand elements and strategies aligned by the plot in news media narrativization. We carry out a reading of accounts on violent deaths published in the police sections of the newspapers *Diário do Pará* and *O Liberal*, on January 23, March 15 and May 2, 2017. We make use of the Ricoeurian project of a hermeneutics of the text and narrative. The readings of the newspapers allow us to understand a plot construction that presents the narratives as unique and episodic, marking an eventful course through which violence is to be narratively explained and understood.

KEYWORDS:

Narrativization, plot, violence.

INTRODUÇÃO

As narrativas sobre violência que emergem nas páginas dos jornais, nas imagens televisivas e nas linhas do tempo de mídias sociais são parte de uma teia de disputas, embates e estratégias de conferência de sentido ao que se pode determinar como violência difusa, violência contra gênero, violação de direitos humanos, violência urbana, dentre outras ainda. Estão calcadas em um contexto no qual seu objeto surge como situação que convoca à fala, à discussão, à publicização, bem ao modo de um “problema público”; este é entendido como ocorrências relacionadas a um dado domínio societal, que são transformadas em acontecimentos e tornadas parte da experiência de um grupo social a partir da sua narrativização e da sua individualização, processo pelo qual se confere identidade a tal acontecimento (BABO-LANÇA, 2006; FRANÇA, 2011; QUÉRÉ, 2011).

É possível divisar no contexto brasileiro um processo no qual “o tema da violência e dos conflitos é cada vez mais instigador, diversifica-se, torna-se mais complicado e obtém novas configurações” (BARREIRA, 2016, p. 478, tradução nossa), nas quais - entre muitas dinâmicas, como das sociabilidades ou das causas sociais etc. - é relevante compreendermos que “as matérias jornalísticas deixam transparecer a vulnerabilidade dos transeuntes, a crueldade das ações, assim como a imprevisibilidade das práticas delitivas” (BARREIRA, 2016, p. 476-477, tradução nossa). Nesse cenário, projeta-se a violência difusa relacionada, sobretudo ao tráfico de drogas, aos crimes de pistolagem e homicídios, mas que se caracteriza por saberes que buscam fornecer relatos de seu espraiamento no tecido social urbano e pela potencialidade de sua ocorrência.

No caso da violência difusa, que anima e é alinhavada em conversas cotidianas, coberturas midiáticas e iniciativas político-estatais, a singularização ou individualização dos eventos apresenta nuances diversas, todas tributárias dos *modus narrandi* a partir dos quais são perspectivadas. É possível falar de acontecimentos violentos que são identificados a partir dos agentes por eles englobados, a exemplo dos "casos", como o "caso Nirvana Evangelista", "caso Eloá", dentre outros. É possível ainda que sejam identificados a partir de uma tipologia convencionalizada, a exemplo dos acertos de contas, das chacinas, e mesmo de categorias como assaltos, homicídios etc. É relevante darmos essa ênfase à identificação pela palavra, por aquilo que ela comporta de múltiplo, heterogêneo e contíguo, porque serve a diferentes propósitos, visa a diferentes efeitos, integra modos de falar específicos e alinhava narrativas de maneiras distintas.

Dessa forma, podemos pensar em acontecimento justamente a partir das formas como este vem a ser, marcadamente, em relação ao caráter narrativo de sua figuração quer em cenas públicas, nas quais haja agentes sociais e políticos, quer na própria atividade de produzir narrativas, na qual estão implicados tanto o jornalismo quanto esse rol de agentes que tomam parte ou têm interesse em dizer o que se passou. Isso se dá porque nos vemos diante de processos de produção de descrições que conferem uma identidade ao acontecimento e de uma tentativa de estabilização de seus sentidos por meio do trabalho narrativo levado a cabo pelo jornalismo. Conforme nos interessa aqui, pensamos esse trabalho primeiramente em relação à narração da violência, buscando também entender o que condiciona essa sua apresentação a partir de uma tipicidade, uma previsibilidade ou mesmo sua inscrição em um *continuum* narrativo.

Por isso mesmo, considerando um acontecimento que não se situe como aquele com potencial disruptivo ou que mobilize sujeitos em torno de seu início-meio-fim - a exemplo dos "casos" e de como podem ter uma extensa cobertura -, ele pode ser também compreendido como algo que afeta e é afetado pela vida social que o forma, que possui uma relação com a perspectivação de um fenômeno ou domínio temático. Trata-se de um processo de individualização a ser informado pelos percursos que são percorridos no objeto em análise, por como são articuladas lógicas internas que conferem inteligibilidade às descrições, como os atores sociais agem e são convocados a agir, como os saberes narrativos fazem seu caminho até as histórias que o jornalismo produz, em um arco que abarca a narração como uma ação sobre o mundo e a maneira como essa

atividade é por ele impactada em sua configuração, algo que se torna evidente quando entramos em contato com o projeto ricoeuriano.

No caso deste estudo, vemos a emergência da violência em uma cobertura diária, da qual nos interessam, sobretudo, as mortes violentas, pois são mobilizadas pelos repertórios dos jornais e ancoradas a processos já tipicamente inteligíveis nos textos e também nas falas da sociedade, tais como de criminalização da pobreza, de redução do fenômeno ao crime e à criminalidade, de reforço da segregação social e negação da cidadania, de espetacularização da dor e da morte, de exaltação de medidas repressoras para o combate à violência e silenciamento em torno de um debate público sobre o tema, além do deslocamento de perspectivas para a imagem de uma guerra urbana em uma cidade marcada pelo medo (COSTA, 2011; COSTA et al., 2017, 2018).

A esse respeito, os caminhos teórico-analíticos com que nos ocupamos neste trabalho não são tanto da representação - entendida como construção transparente da realidade - quanto da constituição simbólica do acontecimento na vida social (BORISENKOVA, 2010; NEVEU; QUÉRÉ, 1997), que nos põe a perspectiva rumo à narrativização e às configurações narrativas envolvidas em processos de proposição de interpretações de eventos que emergem em um contexto social específico. Diante disso, buscamos compreender o processo de narrativização desses acontecimentos violentos a partir da sua emergência e do agenciamento narrativo que acontece no espaço midiático, a fim de perceber os elementos que concorrem para uma configuração narrativa da violência, sob um ponto de vista que alinhava narrativa e acontecimento.

Analizamos no presente artigo matérias sobre mortes violentas publicadas nas seções policiais dos jornais paraenses *Diário do Pará* e *O Liberal*, dos dias 23 de janeiro, 15 de março e 2 de maio de 2017. As edições foram selecionadas a partir da comparação e verificação de jornais que cobriram os mesmos eventos. A seleção ocorreu dentro do *corpus* de jornais coletados em pesquisas financiadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Nosso objetivo é compreender os elementos e as estratégias alinhavados pela intriga da narrativização jornalística, que, por sua vez, encontra-se envolvida na constituição da violência como domínio narrativo capaz de dar vida a um enredo em constante atualização. Para tanto, recorreremos ao projeto ricoeuriano de uma hermenêutica do texto e da narrativa (RICOEUR, 2010, 2013, 2016), assim como a comentadores que partem de interfaces e diálogos com a sua obra.

PRESSUPOSTOS DE UMA APROXIMAÇÃO ÀS NARRATIVAS

As narrativas como forma de partilhar experiências e formas de coesão de grupos sociais são práticas de carácter espaciotemporal disperso, mas no escopo de investigações contemporâneas resgatam acepções que as ligam à experiência, ao cotidiano, ao presente, ao acontecimento, às interações, às falas e mesmo aos saberes (BABO-LANÇA, 2006; CARVALHO, 2012; LAGE, 2013; LEAL, 2006; QUÉRÉ, 2011). Trata-se de uma postura diante das obras da linguagem, para usar uma expressão ricoeuriana, pois não se trata de, ao depararmos com elas, fazermos recurso ao linguístico ou mesmo ao semiótico, mas sim de compreendê-las como implicadas em urdiduras de relações e de mediações. A esse respeito, é mesmo Ricoeur (2010) quem nos adverte de que seu projeto hermenêutico da tríplice *mimesis* não visa somente à compreensão da configuração de mundo na narrativa (*mimesis II*, ela mesma a composição da intriga), mas à sua articulação com o mundo prefigurado da prática e da ação (*mimesis I*) e o mundo refigurado pela leitura da obra (*mimesis III*), considerados como o antes e depois do texto, pois

é tarefa da hermenêutica reconstituir o conjunto de operações pelas quais uma obra se destaca do fundo opaco do viver, do agir e do sofrer, para ser dada por um autor a um leitor que a recebe e assim muda seu agir. [...] preocupa-se em reconstruir todo o arco das operações mediante as quais a experiência prática dá a si mesma obras, autores e leitores. [...] A questão é portanto o processo concreto pelo qual a configuração textual faz a mediação entre a prefiguração do campo prático e sua refiguração pela recepção da obra (RICOEUR, 2010, p. 94-95).

Essa postura nos conduz a desancorar uma noção essencialista ou mesmo reificadora de linguagem, pois ela não se trata de uma coisa, mas de uma condição de possibilidade para a realização da comunicação (MARCOS, 2007; QUÉRÉ, 1995). Isso se dá porque é nela e por meio dela que nos pomos em relação, não é somente um recurso de que nos utilizamos, é por meio dela e com ela que habitamos o mundo humano. É mesmo nisso que se baseia toda a tese ricoeuriana apresentada no seu *Tempo e narrativa*, obra cujo eixo fulcral consiste em as narrativas tornarem acessível a experiência humana do tempo, e em o tempo só se tornar humano pelas narrativas (RICOEUR, 2010, p. 93).

É uma ordem de preocupações completamente distinta daquela que enxerga o texto como cindido da vida, da ação, dos sujeitos, sobretudo porque em Ricoeur a incursão às obras da linguagem se dá pela ênfase no “linguageiro”. Porque a linguagem é compreendida como um modo de ser no mundo, a expressão humana possui um carácter

linguageiro, que se caracteriza pela ideia de que “minha pertença a uma tradição ou a tradições passa pela interpretação dos signos, das obras, dos textos, nos quais se inscreveram e se ofereceram à nossa decifração as heranças culturais” (RICOEUR, 2013, p. 50). Isso se traduz ainda na nossa condição histórica e na pertinência do mundo sócio-histórico no antes e depois da narrativa.

Diante disso e de modo mais específico quanto ao escopo dos estudos preocupados com a comunicação, cumpre fazermos referência a duas elaborações conceituais, que nos ajudam a sedimentar essa concepção do lingueiro como pressuposto imprescindível ao estudo da narrativa na sua dimensão comunicacional: o princípio da relação (MARCOS, 2007); e o esquema constitutivo (ou abordagem praxiológica) da comunicação (QUÉRÉ, 1995). No primeiro, Marcos nos instiga a abandonar a ideia de que a linguagem é uma ferramenta do pensamento e da comunicação, por meio da qual ambos seriam exteriorizados; ela está situada muito mais no âmbito da partilha, do compartilhamento intersubjetivo do mundo, que emerge, por sua vez, “como horizonte da vida”, pois “entre comunicação e linguagem deixa de haver um ‘antes’ e um ‘depois’, para as percebermos como essencialmente imbricadas” (MARCOS, 2007, p. 44). Trata-se mesmo do itinerário teórico-metodológico que a autora menciona na conceitualização de fenômenos comunicacionais (naquilo que encerram de ligação, interações, relações etc.). Ao adotar uma perspectiva que parte das possibilidades da comunicação, destaca como relevante que

Perceber a condição da relação como possibilidade do humano constitui uma introdução necessária a uma reflexão sobre o fenômeno comunicacional. É neste quadro que esse fenômeno emerge com um contorno específico e que sua problematização teórica pode ser feita (MARCOS, 2007, p. 32).

Já Quéré (1995) expõe dois posicionamentos conflitantes em torno da comunicação, especialmente no que concerne a uma concepção da linguagem. O esquema representacionista trabalha com uma noção de mundo sem referência a ela, em que a linguagem só serve para externar estados intencionais pelos sujeitos em comunicação, e se resume de modo simples a uma questão de produção e interpretação de signos, já que se trata de aferir a qualidade da representação das coisas em termos de verdadeiras ou falsas, em termos de correspondência com a realidade. Essa concepção integra o que ele chama de “modelo epistemológico de comunicação”, que se caracteriza pela ênfase na transmissão e no processamento de informação, na produção de representações na

mente de receptores e na existência de sinais a partir dos quais esses estados mentais e representações podem ser extraídos e inferidos.

A lógica que se opõe a essa é aquela presente no que Quéré (1995) chama de “abordagem praxiológica da comunicação”, que pressupõe um esquema constitutivo, cujo carácter é hermenêutico e contempla processos relacionais de modelagem conjunta do mundo, a partir da produção de um comum, base para inferência e ação. Dessa forma, o sentido é resultado tanto das interações com o mundo e com seus sujeitos, quanto da partilha de mediações simbólicas, nas quais a linguagem ocupa um papel central. Sobretudo porque deixa de ser o veículo de um duplo do mundo, para ser mediação no animar desse mundo, por meio de performances que lhe dão forma e significado, passando a ser uma condição para a compreensão das atividades sociais e dos alinhavos entre prática, relações humanas e modos de viver. É uma concepção diante da qual categorias como produtor e receptor perdem o significado - e a força de cindir papéis definidos de modo simples - que possuem no modelo epistemológico.

Nesse cenário de consideração do mútuo imbricar e das formas de participar da partilha do mundo, podemos situar as narrativas como integrantes de processos comunicacionais. Os momentos da *mimesis* são mesmo exemplares, já que se referem a elementos contextuais, ao texto e à atividade de leitura - não como momentos isolados, mas como momentos de afetação, de acúmulo, de emergência, de idas e de voltas, de inovação semântica e de uma poética languageira. Desse modo, somos chamados de volta aos movimentos da *mimesis*, pois é a composição da intriga como ponto de partida que nos interessa aqui como pressuposto teórico-metodológico que servirá de guia para o nosso percurso analítico das narrativas jornalísticas sobre mortes violentas.

COMPOSIÇÃO DA INTRIGA NAS NARRATIVAS

A *mise en intrigue* ou composição da intriga é um dos momentos centrais na mediação das narrativas. Segundo a proposta ricoeuriana, é por meio dela que, no texto, dá-se forma ao mundo, já que “ela ‘toma juntamente’ e integra numa história inteira e completa os acontecimentos múltiplos e dispersos e, assim, esquematiza a significação inteligível vinculada à narrativa tomada como um todo” (RICOEUR, 2010, p. 2). Porém, antes de voltarmos ao tema da intriga, cumpre nos determos na noção ricoeuriana de texto, já que ela é base para a compreensão que o autor trará de proposição da hermenêutica narrativa.

O texto em Ricoeur (2016) pode ser pensado a partir de sua proposição da dialética entre o explicar e compreender, que em última instância constitui a tarefa da interpretação. Dessa forma, o texto é por ele encarado como obra, que pressupõe um processo de feitura, um trabalho por parte de seu autor, mas cujo sentido só se realiza no encontro com quem se apropria dele, quem segue seus percursos. Por essa razão, pensa a interpretação como uma preocupação com o “ato do texto” (RICOEUR, 2016, p. 123, tradução nossa), portanto, aquilo que o texto faz, os caminhos que abre para o pensamento, a maneira como nos orienta em uma rota rumo ao seu horizonte. Daí resultam ideias, como a de mundo do texto, que o situa nesse atravessamento não só pelas formas de o ler, mas também pelas formas como podemos habitar o mundo que propõe, de modo a fazê-lo parte de nossa experiência.

Diante disso, é importante considerar que, em Ricoeur, a composição da intriga é um ato configurante que caracteriza a história como feita de acontecimentos e transforma os acontecimentos em histórias, articulando por excelência o processo de extração de configuração de uma sucessão, de modo que se realiza nessa *mise en intrigue* uma operação de configuração, por meio da qual os estados sucessivos e os acontecimentos postos em sequência transformam-se em uma totalidade significativa, inteligivelmente arranjada.

Resulta daí a relevância do acontecimento em sua perspectiva, que passa a ser entendido em uma constituição-relação rumo à história narrada. Além disso, pensar na intriga como ato configurante e síntese do heterogêneo, de concordância do que é discordante, implica dizer que há uma cadeia de elementos “tomados juntamente” que não são só os acontecimentos da narrativa, mas também aquilo de que esses acontecimentos são feitos, como as ações e seus sentidos, marcadamente porque “a composição da intriga compõe juntos fatores tão heterogêneos como agentes, objetivos, meios, interações, circunstâncias, resultados inesperados etc.” (RICOEUR, 2010, p. 114).

[...] um acontecimento tem de ser mais que uma ocorrência singular. Recebe sua definição de sua contribuição para o desenvolvimento da intriga. Uma história, por outro lado, tem de ser mais que uma enumeração de acontecimentos numa ordem serial, tem de organizá-los numa totalidade inteligível, de modo tal que se possa sempre perguntar qual é o “tema” da história. Em suma, a composição da intriga é a operação que tira de uma simples sucessão uma configuração (RICOEUR, 2010, p. 114).

A esse respeito, o autor estabelece ainda que a composição da intriga realiza a mediação entre a dimensão episódica e a dimensão configurante da narrativa, que determinam como uma história pode ser acompanhada. Essa dimensão episódica é de ordem cronológica, dizendo tanto sobre como o que é contingente pode afetar o desenvolvimento da história quanto sobre os episódios como séries abertas de acontecimentos que abarcam continuidade, resultados e conclusões. Por sua vez, a dimensão configurante constitui precisamente a totalidade significativa a partir da sucessão de acontecimentos. Trata-se, então, de uma relação entre sequência e figura que é imprescindível para a narração e para a possibilidade de um leitor acompanhá-la (RICOEUR, 2010, 2016).

A composição da intriga é uma chave profícua, porque nos permite justamente ler a atividade narrativa, o alinhavo dos acontecimentos em uma forma linguageira - pertinente em um contexto e entre o grupo ao qual se refere e no qual circula. Distanciamos-nos, pois, de uma perspectiva que enxerga na narrativa um potencial de reforço de estados de representação, capaz de infundir sem mediações sentimentos de medo, de ódio e de reciprocidade negativa, como no caso da violência. Portanto, diante dessa preocupação com o que o texto faz, somos impelidos a partir da composição da intriga para em seguida nos debruçarmos sobre o trabalho jornalístico em torno dos acontecimentos violentos. A nossa preocupação é, sobretudo, com os saberes narrativos divisados no texto, na articulação complexa do seu antes e do seu depois, de modo que busquemos aqui pôr em destaque alguns pressupostos de origem hermenêutica.

A discussão de Augé (1998) em torno da *mimesis* ricoeuriana nos ajuda mais uma vez a compreender esse entrecruzamento, que é teórico-conceitual, mas também teórico-metodológico. Para ele, os relatos do vivido, da ação humana, não possuiriam nenhuma lacuna em relação aos aspectos apontados por Ricoeur para o texto ficcional ou histórico. Antes, são tão sintomáticos quanto aqueles para compreendermos nossas ficções, já que pressupõem “roteiros” dessa vida já vivida, que “são objeto constante de relatos espontâneos por parte de quem os vive e de relatos mais elaborados (reportagens televisivas ou matérias jornalísticas) por parte de quem os observa e comenta” (AUGÉ, 1998, p. 18, tradução nossa).

Esses roteiros são da ordem da compreensão da prática, mas também de uma compreensão narrativa, portanto, tributária das lógicas narrativas que governam a nossa possibilidade de pensar como a vida individual e coletiva se constroem de modo amplo como “ficção”, como um roteiro que está situado dentro de certas possibilidades e leituras,

não escapando à mediação simbólica da narrativa e da composição da intriga plasmada na *mimesis II* em articulação com as *mimesis I* e *III*.

Por fim, cumpre dizer que a perspectiva ricoeuriana nos é relevante à medida que nela a ação só pode ser narrada porque pode ser simbolicamente mediada, articulada em signos, regras, códigos culturais e normas inteligíveis para aqueles que partilham uma cultura comum (RICOEUR, 2010, 2013). Desse modo, buscamos pensar a articulação do conceito de configuração da intriga na tessitura de narrativas jornalísticas, pois invoca a designação da ação, a mediação entre o agenciamento dos acontecimentos e sua contingência. A narrativa jornalística de violência, assim, ancorada a um processo linguageiro, aos movimentos da temporalidade e ao lugar narrativo da compreensão do que emerge no texto e em suas adjacências, nos leva a compreender o seu papel na organização e inscrição de saberes e experiência em torno da violência, sendo significativa porque aponta para ações que são colocadas em evidência nos textos do jornalismo.

PERCURSOS DA NARRATIVIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA

Dentre as narrativas selecionadas, temos seis matérias sobre mortes violentas ocorridas em Belém (PA) publicadas nos jornais *Diário do Pará* e *O Liberal*, sendo três de cada uma de suas seções policiais. Trata-se de coberturas sobre casos de “execução”, com menção a chacinas e ação de milícias - algo típico nos jornais paraenses, mas que toma outros matizes quando se levam em consideração os casos de chacinas que reverberaram como acontecimentos públicos nos últimos anos. Desse modo, do ponto de vista do conhecimento das ações integradas na narrativa, esse carácter do dizer jornalístico sobre a chacina faz entrar em cena a inteligibilidade e o mundo prático como aquele sobre o qual se imbrica o mundo configurado da narrativa.

Diante dos caminhos apontados pela discussão sobre a *mimesis*, a composição da intriga e as possíveis leituras da obra de Ricoeur, buscamos traçar um percurso analítico que dê conta de analisarmos como as narrativas jornalísticas de violência mobilizam elementos complexos e como ressaltam nos acontecimentos narrados aspectos relativos ao seu antes e depois. Desse modo, porque nos interessa a composição da intriga, além dos conceitos apresentados em Ricoeur, realizamos a leitura dos elementos constitutivos da narrativa e do acontecimento por meio das proposições metodológicas de Leal (2006) e Babo-Lança (2006).

Em Leal (2006), a narrativa assume três características: de metáfora, que emerge de uma articulação elaborada teoricamente; de objeto, como fenômeno com o qual o pesquisador se defronta; e de procedimento analítico, que pressupõe lógicas e escolhas. É com este último que o autor defende um “olhar narrativizante” diante do carácter fragmentário e disperso das narrativas na vida social, olhar que “faz emergir as formas de articulação do cotidiano. Com isso, ‘narrar’ apresenta-se como metáfora de ‘articular’ e o trabalho do pesquisador funda-se na apreensão dessas relações” (LEAL, 2006, p. 22). Consiste, portanto, em perceber aquilo que é alinhavado não só nas narrativas, mas nas teias de que elas fazem parte, podendo abarcar outras narrativas, a dimensão do mundo sócio-histórico, destacando o seu aspecto único, mas também de similitude com outras manifestações languageiras e da vida social.

Já em Babo-Lança (2006), a narrativa é parte das formas que a descrição de um determinado acontecimento possui, em razão de ele ser identificado a partir de um “processo coletivo de determinação do que aconteceu, que é efectuado por atores e relatores” (2006, p. 66). Esse processo dá conta da contingência que governa acontecimentos sociais e do intenso trabalho de produção da sua inteligibilidade, redução da sua dispersão, produção de texturas causais, justificação dos motivos e apresentação das ações dos personagens. Assim, podemos considerar que todos esses aspectos estão ligados a formas de fazer acontecimento, na medida em que este emerge sob uma descrição, que por sua vez é narrativa. Tomemos a perspectiva da autora:

[...] a narrativa não é uma lista de acontecimentos sem ligação. A intriga (“*mise en intrigue*”) opera uma conexão de tipo causal entre os acontecimentos, efetuando a transição entre contar e explicar. Contar o que aconteceu é já explicar porque é que aconteceu. [...] A narrativa, por seu lado, em lugar de relatar os acontecimentos segundo uma sucessão temporal, ordena-os, combina-os de diversos modos e estabelece diversas relações (BABO-LANÇA, 2006, p. 271, 278).

Como forma de realizar uma incursão a esses meandros da articulação entre o acontecimento e sua descrição ou identidade, é a própria Babo-Lança (2006) quem propõe a noção de “percurso eventivo” como um possível operador analítico. Ele permite identificar os elementos agenciados na narrativa à medida em que esta se desenvolve em uma cena pública, assim como permite ao analista reconstituir ocorrências dispersas como acontecimento social. Porque falamos de histórias sobre violência urbana que, em uma primeira visada, apresentam-se como descontínuas e desconexas, é pertinente fazer recurso à noção de percurso eventivo para compreender a ordem de trabalho narrativo

que o jornalismo realiza em tal articulação, bem como para propor uma leitura do sentido que essas narrativas tomam a partir de uma tal conjunção.

Por isso, se os acontecimentos podem ser entendidos como uma coleção de ocorrências “tomadas juntamente” pela intriga, a ideia de percurso dos acontecimentos - como consequência também de um olhar narrativizante - parece-nos profícua para fornecer uma lógica a nossa visada em torno dos desenvolvimentos da narrativa sobre acontecimentos violentos, caracterizados pela serialização de casos isolados e similaridade entre trajetórias narradas. A própria intriga é algo que torna complexa a tarefa, marcadamente, quando consideramos a sua dimensão episódica e configurante, de sequência e figura, conforme elabora Paul Ricoeur.

É este caminho que cremos ser profícuo na leitura da narrativa jornalística sobre as mortes violentas, porque se são todas apresentadas sob o domínio temático de violência e violência urbana, tal ancoragem não é gratuita, antes serve às convenções narrativas que serão adotadas na narrativização dos acontecimentos violentos. A violência não emerge de outro modo se não pelo destaque do fundo opaco do viver de que nos fala Ricoeur. Os acontecimentos são postos sob um holofote ao se transmutarem em objeto de descrição do texto jornalístico, já que essa descrição que comporta a *mise en intrigue* é estreitamente relacionada ao acontecimento (CARVALHO; LAGE, 2012; NEVEU; QUÉRÉ, 1997).

Desse modo, temos as seis matérias que falam sobre ocorrências específicas de homicídio (Quadro 1), que mantêm a referência à violência difusa, mas também referenciam a potencial ação de milícias em práticas de execução similares a chacinas. O que elas apresentam de disperso se dá pelo fato de serem eventos distintos nos tempos de sua ocorrência e na descrição feita deles. Apesar disso, podemos nos referir a essas matérias como episódios de uma narrativa em andamento, narrativa sobre a violência urbana e o estado da vida na cidade, em que esse mesmo material do vivido se transmuta em espaços, agentes e incidentes narrativos dispostos de algum modo em uma trajetória.

Quadro 1: Matérias sobre mortes violentas publicadas nas seções policiais dos impressos

23 jan. 2017	Encapuzados matam rapaz com três tiros	O Liberal
	Carro vermelho ataca: executado com 8 tiros	Diário do Pará
15 mar. 2017	Dois mortos em meia hora	O Liberal
	Terra Firme: 2 mortes simultâneas	Diário do Pará
2 maio 2017	Ida ao Barreiro foi fatal	O Liberal
	Morto com 15 tiros na frente de amigos	Diário do Pará

Fonte: elaborado pelos autores.

Se fizermos recurso à tentativa de olhar o enredo, vemos algo muito típico nessas narrativas sobre mortes violentas, podendo mesmo dizer que há uma “esquemática” (RICOEUR, 2010) presente na composição da intriga. O agenciamento dos incidentes ocorre na medida em que uma morte ocorre, a polícia é acionada, moradores e testemunhas interpellam com a fala ou com o silêncio, e explicações são dadas para reforçar a coesão dos elementos apresentados. Trata-se uma trajetória já conhecida e repetida nessa cobertura sobre acontecimentos violentos, que a focaliza a partir de cenas de crime, em que essas mortes não são apresentadas como objeto de luto, lamento individual ou coletivo, mas como danos colaterais de um problema que afeta espaços periféricos, tornando-os perigosos, transformando-os no revés da vida urbana, ao mesmo tempo em que se nega a violência que essa lógica de normalização carrega. Essa coesão somente é possível pelo movimento de pôr em intriga esses elementos esparsos. É, na verdade, um elemento condicionante para a narrativa se constituir como totalidade significativa, ou seja, que tenha sentido e tome parte na mediação simbólica dos acontecimentos.

Uma leitura em torno dos fatos agenciados nos permite considerar de modo mais enfático esses elementos, tomados aqui nos primeiros parágrafos de cada matéria.

Encapuzados matam rapaz com três tiros. Mais um homicídio com características de execução foi registrado no final da tarde de ontem, no bairro do Barreiro, em Belém. Jefferson Serrão Macedo, de 21 anos, conhecido como “Pretinho”, foi executado com três disparos de arma de fogo. Dois projéteis atingiram a cabeça da vítima. Testemunhas apontam a participação de homens encapuzados em um carro vermelho, e acreditam que crime seja continuação da represália de milícias pela morte do sargento da Rotam Rafael da Silva Costa, de 29 anos, na última sexta-feira, apesar de a polícia não confirmar (ENCAPUZADOS..., 2017, p. 3).

Carro vermelho ataca: executado com 8 tiros. Era por volta das 17h do último domingo (22), quando Jefferson Serrão Macedo, de 20 anos, voltava da casa da ex-companheira onde foi visitar a filha de apenas 2 anos. Antes de atravessar a rodovia Arthur Bernardes, ainda na

passagem Joana Dark, esquina com a passagem Santa Rita, bairro do Telégrafo, em Belém, ele foi assassinado com 8 tiros (CARRO..., 2017, p. 7).

Dois mortos em meia hora. Em 30 minutos, dois homens foram assassinados ontem à tarde no bairro da Terra Firme, em Belém. As duas vítimas tinham antecedentes criminais. Os casos se diferenciam apenas no tipo de veículo usado pelo executor e também porque os homens foram mortos em ruas diferentes. Uma equipe de policiais civis da Divisão de Homicídios esteve nos locais e irá investigar as mortes (DOIS..., 2017, p. 6).

Terra Firme: 2 mortes simultâneas. Dois homens foram executados a tiros, no bairro da Terra Firme, em Belém, ontem (14). Os crimes aconteceram em ruas diferentes, mas praticamente no mesmo horário: Por volta das 18h. Segundo os policiais, uma das vítimas tinha ficha criminal. Já havia sido presa por tráfico de drogas (TERRA FIRME..., 2017, p. 5).

Ida ao Barreiro foi fatal. Adriano da Gama Dantas, 22 anos, foi assassinado na madrugada de ontem, no Barreiro. Ele já não morava mais no bairro, mas estava lá para visitar a família e amigos. Dois homens o executaram a tiros. A “Lei do Silêncio” dificultou o início das investigações dos policiais civis e militares, para os quais os poucos relatos colhidos mais atrapalharam que ajudaram. A vítima havia sido presa apenas uma vez, por formação de quadrilha (IDA..., 2017, p. 5).

Morto com 15 tiros na frente de amigos. Adriano da Gama Dantas, 32 anos, morava no bairro da Pratinha, Grande Belém, e trabalhava no Aeroporto Internacional de Belém. Aos finais de semana, aproveitava a folga para visitar parentes que moram no Barreiro, na capital paraense. No domingo (30), ele estava escalado para o serviço, mas resolveu faltar. Enquanto estava em um bar com amigos, acabou sendo assassinado, no Dia do Trabalhador, com 15 tiros (MORTO..., 2017, p. 4).

Ao vermos essa disposição dos elementos narrativos, percebemos a emergência da composição da intriga, na qual são alinhavados eventos, ações, tipos e lugares que fazem parte de um repertório jornalístico da narrativa sobre violência, mas também de falas cotidianas, pois ambos se entrelaçam ao conhecimento advindo de um dos caracteres da *mimesis* I a que Ricoeur (2010) chama de legibilidade, sendo entendidos em um contexto de descrição e que se manifesta no texto a partir de um sistema simbólico que lhe é anterior. É possível, portanto, explicar narrativamente todas as ações - morte, fuga, silêncio, a ocorrência do crime, o assassinato, a execução -, porque elas podem ser compreendidas dentro desse sistema simbólico ao qual a composição da intriga está imbricada. São acionados os saberes sobre as condições da morte violenta, da ação das polícias e milícias, dos riscos das áreas periféricas, dos espaços típicos da violência, da suscetibilidade de ocorrência de homicídios, pela violência difusa ou pela violência policial/miliciana.

Não obstante, a intriga alinhava momentos similares nas narrativas, que mais do que torná-las cindidas em relação às outras - o que se poderia dizer pela simplificação de que a narrativa é a mesma, só se mudando os personagens -, faz com que elas emerjam no bojo da inovação semântica, dando vida a um novo acontecimento que, mesmo fugidio e restrito a um dia de cobertura, voltará a ser apanhado novamente pela intriga da narrativa em andamento. Isso se dá pela dimensão episódica com que é possível ver essas mortes violentas. Dessa forma, se pensarmos nos termos do percurso eventivo, temos mortes diferentes, mas por ocorrerem em circunstâncias de descrição similares, são “tomadas juntamente” pela intriga, são inscritas no mesmo domínio narrativo, são tornadas histórias - e histórias que potencialmente se repetem, anunciando uma relação com passado e futuro. Dessa forma, seu carácter típico, mas criativamente articulado, se dá quando, ao “olharmos para trás a partir da conclusão dos episódios que levam a ela, nós temos que ser capazes de dizer que esse fim requereu esses tipos de eventos e essa cadeia de ações” (RICOEUR, 1981, p. 170, tradução nossa).

Por fim, podemos afirmar que essa composição da intriga como ato configurante é tributária da “historicidade”, conceito tão importante na reflexão ricoeuriana, caracterizado como “o fato fundamental e radical de que fazemos história, de que estamos imersos na história” (RICOEUR, 2016, p. 236, tradução nossa). É na esteira da consideração que produzimos as fabulações, por meio do discurso narrativo como prática linguageira no mundo sócio-histórico que habitamos. Desse modo, a intriga nas narrativas jornalísticas de violência, sobretudo no caso das mortes violentas, faz o cruzamento desses dois momentos centrais para a compreensão do processo de narrativização, da vida enquanto conhecimento das ações, experiências práticas e seus sentidos, e da fabulação que se faz dela, tornada outra coisa que não os acontecimentos que narra, mas a narração desses acontecimentos, e possibilidade de leitura que implica a articulação dos momentos anteriores a um retorno ao mundo pelo processo de interpretação, a que buscamos dar forma aqui em um percurso analítico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse caminho empreendido nos permite ter em conta as contribuições de uma abordagem narrativa da problemática dos saberes e falas em torno da violência, na medida em que arrolam elementos produzidos em problemáticas sociais, tensionamentos e conflitos simbólicos, percursos históricos sedimentados e esquecidos.

A narrativa jornalística de violência que emerge a cada dia nas páginas desses jornais parece repetir-se à exaustão, esgotar-se em si mesma, de modo a não dar margem a um novo dizer. Por essa mesma razão, ela resulta como algo bastante sintomático das ficções que a sociedade produz sobre si, tanto naquilo que as narrativas têm de (des)estabilizador em relação aos sentidos dos acontecimentos quanto nas formas de realização de um trabalho narrativo que ancora a violência a interpretações que não extrapolam trajetos típicos.

Voltar nossa preocupação para esse domínio do linguageiro e do narrativo tem a ver, portanto, com uma tentativa de compreendê-lo como substrato para a interação, para a fala, mas também para entender como são mobilizados os elementos dessa vida que está sempre em direção à narrativa e no que consiste esse agenciamento levado a cabo pela configuração da intriga, que é parte também de um processo de refiguração do social.

Considerando o projeto hermenêutico de Ricoeur, buscamos apresentar percursos teórico-metodológicos de análise que dão ideia dos potenciais que sua hermenêutica nos fornece para encarar o fenômeno da violência a partir de um olhar distinto de perspectivas correntes que situam a mídia como interveniente direto ou sem mediações em processos sociais. Ao mesmo tempo, dá-nos ideia do que é endereçado no texto narrativo sobre violência de modo complexo, na tessitura, nos percursos enredados e em uma narrativização que amplifica um processo de interpretação da textualidade e de considerações sobre a ação jornalística diante de um fenômeno que se baseia nos anátemas e nas feridas de uma sociedade fragmentada.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. *Las formas del olvido*. Barcelona: Gedisa, 1998.

BABO-LANÇA, I. *A configuração dos acontecimentos públicos: o “Caso República” e as manifestações nos Açores em 1975*. Coimbra: MinervaCoimbra, 2006.

BARREIRA, César. *Muertes violentas y escenarios urbanos: inseguridad, miedo y crueldad*. In: BARREIRA, César; SANTOS, José Vicente Tavares dos (org.). *Paradoxos da segurança cidadã*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2016. p. 475-489.

BORISENKOVA, Anna. Narrative refiguration of social events: Paul Ricoeur’s contribution to rethinking the social. *Ricoeur Studies*, Pittsburgh, v. 1, n. 1, p. 87-98, 2010.

- CARRO vermelho ataca executado com 8 tiros. *Diário do Pará*, Belém, p. 7, 23 jan. 2017.
- CARVALHO, Carlos Alberto de. Entendendo as narrativas jornalísticas a partir da tríplice mimese proposta por Paul Ricoeur. *Matrizes*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 169-188, jul./dez. 2012.
- CARVALHO, Carlos Alberto de; LAGE, Leandro Rodrigues. Narrativa como mediação fundamental da experiência dos acontecimentos: a *mise en intrigue* midiática. *Contemporânea*, Salvador, v. 10, n. 1, p. 207-222, jan./abr. 2012.
- COSTA, Alda Cristina. A violência e os modelos midiáticos de espetáculo. In: MALCHER, Maria Ataíde *et al.* (org.). *Comunicação midiaticizada na e da Amazônia*. Belém: FADESP, 2011. p. 179-204.
- COSTA, Alda Cristina *et al.* Narrativas jornalísticas e representações sociais da violência na Amazônia urbana. In: MARTINS, Filipe (org.). *Trajetos da narratividade: ensaios sobre narrativa, mídia e cognição*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2017. p. 95-106.
- COSTA, Alda Cristina *et al.* Medo e violência no espaço midiático: reflexões sobre as narrativas jornalísticas paraenses. In: COSTA, Alda Cristina; AMORIM, Célia Regina Trindade Chagas Amorim; CASTRO, Marina Ramos Neves de Castro (org.). *Comunicação e pesquisa na Amazônia: perspectivas e práticas*. Belém: PPGCom/UFPA, 2018. p. 108-131.
- DOIS mortos em meia hora. *O Liberal*, Belém, p. 6, 15 mar. 2017.
- ENCAPUZADOS matam rapaz com três tiros. *O Liberal*, Belém, p. 3, 23 jan. 2017.
- FRANÇA, Vera V. O crime e o trabalho de individuação do acontecimento no espaço midiático. *Caleidoscópio*, Lisboa, n. 10, p. 59-72, primavera 2011.
- IDA ao Barreiro foi fatal. *O Liberal*, Belém, p. 5, 2 maio 2017.
- LAGE, Leandro. Notas sobre narrativa e acontecimento jornalístico. In: LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto de (org.). *Narrativas e poéticas midiáticas: estudos e perspectivas*. São Paulo: Intermeios, 2013. p. 227-245.
- LEAL, Bruno Souza. Saber das narrativas: narrar. In: GUIMARÃES, César; FRANÇA, Vera V. (org.). *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 19-27.
- MARCOS, Maria Lucília. *Princípio da relação e paradigma comunicacional*. Lisboa: Edições Colibri, 2007.
- MORTO com 15 tiros na frente de amigos. *Diário do Pará*, Belém, p. 4, 2 maio 2017.
- NEVEU, Erik; QUÉRÉ, Louis. The age of events. The spume of history - or an information master-frame? *Réseaux*, Paris, v. 5, n. 1, p. 9-25, 1997.

QUÉRÉ, Louis. From an epistemological model of communication to a praxeological approach. *Réseaux*, Paris, v. 3, n. 1, p. 111-133, 1995.

QUÉRÉ, Louis. A individualização dos acontecimentos no quadro da experiência pública. *Caleidoscópio*, Lisboa, p. 13-37, primavera 2011.

RICOEUR, Paul. Narrative time. *In*: MITCHELL, William John Thomas (org.). *On narrative*. Chicago: Chicago University Press, 1981. p. 165-186.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa: 1. A intriga e a narrativa histórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

RICOEUR, Paul. *Hermenêutica e ideologias*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

RICOEUR, Paul. *Hermeneutics and human sciences*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

TERRA FIRME 2 mortes simultâneas. *Diário do Pará*, Belém, p. 5, 15 mar. 2017.

Artigo recebido em 09 de abril de 2019.

Artigo aceito em 16 de dezembro de 2019.